



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA DA PARAÍBA
EXPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA.**

MANOEL GOMES DE OLIVEIRA NETO ¹

**NAS MALHAS DO TEMPO: REPENSANDO A PRESENÇA HUMANA NO
TERRITÓRIO DE AROEIRAS A PARTIR DE VESTÍGIOS PRÉ-HISTÓRICOS**

CAMPINA GRANDE- PB

2020

¹ netoconnect@gmail.com

MANOEL GOMES DE OLIVEIRA NETO

**NAS MALHAS DO TEMPO: REPENSANDO A PRESENÇA HUMANA NO
TERRITÓRIO DE AROEIRAS A PARTIR DE VESTÍGIOS PRÉ-HISTÓRICOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialização em História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Estudos da Pré-História e Populações Nativas.

Orientador: Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos.

CAMPINA GRANDE- PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48n Oliveira Neto, Manoel Gomes de.
Nas malhas do tempo [manuscrito] : repensando a presença humana no território de Aroeiras a partir de vestígios pré-históricos / Manoel Gomes de Oliveira Neto. - 2020.
15 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos. , Departamento de História - CEDUC."
1. Aroeiras - Paraíba. 2. Arqueologia . 3. Ocupação humana. 4. Pré-história da Paraíba. I. Título
21. ed. CDD 981.33

MANOEL GOMES DE OLIVEIRA NETO

**NAS MALHAS DO TEMPO: REPENSANDO A PRESENÇA HUMANA
NO TERRITÓRIO DE AROEIRAS A PARTIR DE VESTÍGIOS PRÉ-
HISTÓRICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Especialização em História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

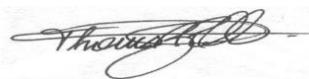
Linha de Pesquisa: Estudos da Pré-História e Populações Nativas.

Aprovado em: **10/06/2020**

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos



Prof. MSc. Thomas Bruno de Oliveira



Examinador externo Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”

Marc Bloch, 2001.

SUMÁRIO.

1. Um Breve Histórico da Pré-História do Brasil, do Nordeste e da Paraíba.	7.
1.1 Entre o dito e o não dito: os primeiros a chegar ao território de Aroeiras-pb.	9.
1.2 Descrevendo os sítios arqueológicos e o paleoambiente.	11.
2. Considerações Finais.	17.
2.1 Fontes de Pesquisa.	18.
Referências	18.

RESUMO

É notável em toda Paraíba os vestígios arqueológicos deixados pelos povos que por aqui habitaram em épocas remotas, antes mesmo do colonizador sonhar em vir conquistar essas terras. Muito embora os estudos sobre a pré-história da Paraíba ainda estejam, como a firma (SANTOS, 2006), em uma fase embrionária, é necessário ter a curiosidade e audácia para procurar, com o respaldo daqueles que já se dedicam a investigação arqueológica, desenvolver novas pesquisas que contribuam para preservação e para um estudo mais apurado desse período, que ainda revela muitos mistérios, além dos mais diversos questionamentos. Aroeiras é um pequeno município localizado no Agreste Paraibano, com pouco mais de 20.000 habitantes, lugar de clima semiárido e de predominância da caatinga, onde em boa parte do ano é possível ver nas montanhas que cercam o local, os branquidões característicos desse tipo de vegetação. No que concerne à história dessa cidade, existe uma enorme lacuna criada por aqueles que se interessaram em escrever um pouco sobre os processos de ocupação humana ali. Segundo aqueles poucos diletantes que se aventuraram nessa empreitada de escrever algo sobre a localidade, convencionou-se citar o momento da ocupação humana ali no século XIX, mais precisamente no ano de 1815, momento no qual um suposto português denominado Laurentino de Moura Varejão chegou as ditas terras. Essa mesma narrativa historiográfica foi reproduzida por outros autores ao longo dos anos, muito embora, recentemente a cidade tenha passado por um revisionismo na maneira de escrever a história. Há um esforço notável por parte de alguns historiadores de profissão em escrever acerca da cidade. Todavia esses pesquisadores escrevam sobre o local sem a mesma visão apaixonada característica da escrita sem método, há ainda uma predominância em colocar o momento de ocupação da localidade preso aos anos de 1815. O que se sabe fica restrito a esse recorte temporal, como se nada houvesse antes disso. Mas afinal, havia outros povos anteriores ao momento da chegada do colonizador dito civilizado? Seriam essas terras desabitadas, como afirma a maioria dos que sobre aqui escreveram? Através de recentes descobertas arqueológicas no município, a saber: a presença de três sítios de pintura rupestre localizados nos sítios de Riachão de Pedro Velho, Uruçu e Sítio Torres de Aroeiras, o artigo visa averiguar a presença humana no território aroeirense anterior ao século XIX, e talvez comprovar que essa possa ter acontecido em um período anterior aos 2.000 anos A.P. As análises das pinturas rupestres tomam por base os estudos realizados por (MARTIN, 2005) e (AGUIAR, 1986) acerca das pinturas de Tradição Agreste. A busca pelos indícios, como afirma (GINZBURG, 1992), que possam atestar a presença dos paleoíndios em Aroeiras é o que norteia o seguinte trabalho, bem como os vestígios que demonstrem a maneira de viver dos povos que possivelmente habitaram a localidade no período do Holoceno.

Palavras-Chaves: Indícios arqueológicos. Aroeiras. Ocupação Humana.

ABSTRACT

It's remarkable in all Paraíba the archeological remains left by the people that lived here in remote times, before the colonizer dreamed to come and conquer these lands. Although the

studies of the prehistory in Paraíba still are, like says (SANTOS, 2006), at an embryonic phase, it's necessary to have the curiosity and audacity to search, with the support of those who have already dedicated to the archeological research, to develop new researches that contribute to the preservation and to more accurate studies of this period, that still reveals to much mysteries, and many questions about it. Aroeiras is a small town located at Agrestic Paraibano, with just over 20.000 habitants, semi-arid file place with predominance of caatinga, where much of the year is possible to see the surrounding mountains of the place, the whiting that are characteristic of this kind of vegetation. In what concerns the history of this city, there's a enormous gap created by that ones who were interested on writing a bit about the human processes of occupation there. According to those few dilettantes that ventured in this endeavor of writing something about the place agreed to quote the moment of the human occupation there in the nineteenth century, more precisely in the year of 1815, moment when a supposed Portuguese nominated Laurentino de Moura Varejão had arrived in that land. This same historiography narrative was reproduced by many other authors through the years, although, the city had recently passed by a revisionism of writing the history. There's a notable effort by some professional historians to write about the city. However these researches about the local without the same passionate characteristic of that writing without a method, there's a predominance of putting the occupation moment arrested in the year of 1815. What is known is restrict to this time cut, like there wasn't anything before it. But after all, there were other people before the arrival of the civilization colonizer? Would these land be uninhabited, like affirms the ones who had written about this place? Throughout the recently archeological discoveries in the city, to know: the presence of three rock paintings sites located at Riachão de Pedro Velho, Uruçu e Torres site of Aroeiras, the article aims to investigate the human presence in Aroeiras before the nineteenth century, and maybe to prove that this occurrence could had be in a period before 2.000 B.P. The analyses of the rock paintings are based on the studies realized by (MARTIN, 2005) and (AGUIAR, 1986) about the Agrestic Paintings Tradition. The search for the signs, like affirms (GINZBURG, 1992), that can attest the presence of the paleoíndios in Aroeiras is what guides the following work as well as the traces that demonstrate the way of life of these people that probably dwelt this location in the Holocene period.

Keywords: Archeological signs. Aroeiras, Human Occupation.

1. UM BREVE HISTÓRICO DA PRÉ-HISTÓRIA DO BRASIL, DO NORDESTE E DA PARAÍBA.

O ano era 22 de Abril de 1500. Nessa data emblemática foi que as nações europeias, principalmente Portugal, começaram a adentrar o território que hoje compreende o Brasil. Feito esse, que ficou marcado desde o primeiro momento na carta de Pero Vaz de Caminha, demonstrando terem os portugueses chegado a um local diferente do que eles conheciam. Essa datação se tornou bastante usada, uma vez que fomos condicionados a acreditar ser esse o momento de início da história do Brasil. Porém, pouco se sabe sobre os chamados paleoíndios que estavam a habitar essas terras em sociedades paleolíticas e neolíticas, sendo algumas delas mais avançadas e outras menos.

No que concerne aos estudos que foram realizados sobre a vida no período assim denominado de pré-história em todo o Brasil, há que se levar em consideração as teorias apontadas pela professora Niède Guidon e sua equipe, que dizem ser a ocupação do território brasileiro um feito que remonta mais de 50 mil anos A.P. Os estudos realizados pela professora apontam uma data diferente daquela que convencionou-se estabelecer como o momento de início da ocupação humana no Brasil.

As pesquisas sobre essa temática tiveram começo com o processo de colonização do país, com aqueles primeiros viajantes, religiosos ou mesmo naturalistas, sendo esses de origem estrangeira, mas enviados ao local para fazerem processos de coleta daqueles materiais que poderiam ser utilizados de maneira a enriquecer os museus da Europa, sem contar os etnólogos que vinham com o objetivo de estudar as sociedades primitivas que ainda existiam. Os estudos acerca da arqueologia surgem, dessa forma, alicerçados em um modelo estritamente europeu, sendo D. Pedro II um dos maiores impulsionadores desses estudos no país.

Alguns estudiosos merecem destaque, como Jean de Léry ainda no século XVI, ou mesmo Peeter Wilhelm Lund, que na primeira metade do século XIX, tornou-se um dos pioneiros a escavar materiais fossilizados da megafauna pleistocênica. A ele é dado inclusive o título de “Pai da Paleontologia Brasileira”, uma vez que ele encontrou ossadas humanas com as de animais desaparecidos em Lagoa Santa, Minas Gerais. Também é necessário lembrar-se de Martinho de Nantes, Ambrósio Fernandes Brandão, Elias Heckmans, dentre outros que começaram as pesquisas envolvendo a temática.

No Nordeste, segundo (SANTOS, 2006), as pesquisas são recentes, mas há de se levar em consideração a grande presença de relatos existentes na literatura e que falam acerca dos

achados desde o começo da colonização, cabe destaque a alguns cronistas, viajantes ou mesmo curiosos que prospectaram sítios arqueológicos, mas que por vezes agiam no intuito de procurar riquezas mineiras ou botijas repletas de ouro. Um exemplo emblemático, apenas para citar, é do Padre Francisco de Menezes, que ainda no século XIX esteve em diversos estados nordestinos procurando por supostos tesouros que teriam sido deixados pelos jesuítas e holandeses. Não havendo nada encontrado, apenas destruiu uma quantidade incalculável de sítios fazendo suas escavações.

Apenas no final do século XX é que vem surgir instituições e pesquisadores que vieram a criar pesquisas mais sistematizadas, contribuindo, por sua vez, com uma melhora na credibilidade dos estudos pré-históricos da região. O grande destaque no que envolve esse tema, tanto em nível regional quanto nacional, é Niède Guidon, que é a líder de uma equipe vasta no estado do Piauí, cabendo ressaltar que de lá vem às datações mais antigas do continente Americano. Seu trabalho conseguiu abalar as estruturas estabelecidas sobre a pré-história do continente, deixando claro que aquelas ditas teorias consolidadas podem vir a dar espaço a novas perspectivas, literalmente caindo por terra o que fora estabelecido anteriormente.

Não se pode deixar de ressaltar os estudos de Alice Aguiar, Gabriela Martin, bem como Anne-Marie Pessis, estudiosas que desenvolvem pesquisas em diversos estados do Nordeste, se debruçando sobre variados aspectos desse período, inclusive sobre as pinturas rupestres, objeto de estudo do presente artigo. A elas é dada a credibilidade de pesquisarem mais a fundo acerca da Tradição Agreste, é por meio das definições tidas por essas pesquisadoras que nos embasamos para essa análise.

No que concerne às pesquisas envolvendo a Paraíba, ainda há muito que se perscrutar, muito embora sejam notáveis os trabalhos produzidos pelo professor Dr. Juvandi de Souza Santos sobre os diversos achados arqueológicos paraibanos, bem como no estudo de algumas manifestações culturais dos chamados paleoíndios. Cabe ressaltar ainda, que segundo o autor:

Torna-se difícil imaginar como seria o território da Paraíba antes do contato, até porque o processo definitivo de colonização do Estado só se dará em 1585. Os relatos sobre as características físicas e humanas do período que antecede a colonização são escassos. (SANTOS, 2006, p.33).

Importante salientar que as datações feitas em Vieirópolis, no sertão paraibano, trazem um período de pelo menos 7,6 mil anos A.P, para atestar a presença do homem já nesse espaço de tempo na região. O que nos resta para uma melhor elucidção acerca dos povos que habitavam aqui, são centenas de sítios arqueológicos de arte rupestre, cemitérios e locais que

teriam servido de aldeamento para esses grupos. Isso significa dizer que o estudo sistemático desses sítios poderia dar mais e melhores dados sobre o passado desses povos, mas é lastimável observar que poucas são as pesquisas feitas.

1.1 ENTRE O DITO E O NÃO DITO: OS PRIMEIROS A CHEGAR AO TERRITÓRIO DE AROEIRAS-PB.

Muitos são aqueles curiosos que se interessam em pesquisar sobre seu local de pertencimento, sobre a localidade na qual residem ou que possuem alguma ligação de pertença, mas poucos são os que realmente se dedicam a perscrutar nas entrelinhas dos acontecimentos, naquilo que se torna pouco visível aos olhares que não são atentos as minúcias do tempo.

A compreensão de uma determinada realidade, seja ela qual for, parte da análise de tudo que é possível adquirir de informações acerca de um determinado fato, ou período histórico. A busca pelos vestígios, aqueles indícios, como pressupõe (GIZBURG, 1939), por vezes negligenciados por determinados historiadores que preferem deter-se ao macro, é o que pode levar a conhecer mais sobre determinada sociedade, sobre um lugar e tempo.

A cidade Aroeiras na Paraíba, município que atualmente ocupa a 34º lugar entre os mais populosos do estado da Paraíba, dista cerca de 60 quilômetros da sua zona imediata, a cidade de Campina Grande. A localidade se encontra cercada por diversas pedras e riachos que circundam quase todo seu território, sendo um local muito utilizado para criação de gado leiteiro e animais da pecuária como cabra e ovelhas.

Sobre o município, muitos foram àqueles diletantes, ou mesmo mais recentemente os historiadores dedicados a explicar como teria surgido o processo de ocupação dessa localidade. Em todas as análises, há aqueles considerados pioneiros na historiografia do lugar, dentre eles o que primeiro veio a se preocupar em sintetizar uma história geográfica, envolvendo aspectos políticos, bem como culturais. Pedro Paulo de Andrade, primeiro presidente da câmara de vereadores da cidade de Aroeiras, ligado politicamente à família dos Pessoa na Paraíba, escreveu diversas obras relatando como se deu início essa chegada do homem a cidade de Aroeiras. Em seus escritos, assim afirma o autor:

Não está, historicamente falando, bem averiguada a origem da cidade de Aroeiras, mas, até onde alcançaram as informações fidedignas, aparece como primeiro habitante civilizado, nesta terra, um português chamado Laurentino de Moura Varejão. (ANDRADE, 1981).

Segundo o relato oral, por volta de 1815, haveria chegado as terras que hoje compreendem o município de Aroeiras-PB, um senhor de origem portuguesa (não confirmada de fato), chamado Laurentino de Moura Varejão, esse teria partido de São Vicente Férrer em Pernambuco, trazendo consigo mais tarde alguns escravos e partindo para construção das primeiras casas daquela que viria a se tornar a cidade nos anos posteriores. Ao que tudo indica, esses acontecimentos se fortaleceram com o passar do tempo, devido à existência material da primeira casa que foi construída pelo “civilizador”, estando registrada em fotos, e ao que tudo indica, até os anos 1990 ainda era possível de apreciação, tendo em vista que na chamada Lei Orgânica Municipal, elaborada pela lei Nº 445 de 1990, cabe em um de seus artigos a seguinte declaração:

“VI – São considerados patrimônio histórico da cidade de Aroeiras: o estádio João de Brito Lira, o Açude Velho, o Grupo Escolar Major José Barbosa, a Praça Sebastião Souto Maior, Hospital, Cemitério, Mercado Público, Igreja Nossa Senhora do Rosário, a **Primeira Casa Construída no Município.**” (PEREIRA, 1990, p.65)

O destaque dado no texto à primeira casa, não é de autoria dos escritores da lei (grifo nosso), mas é importante salientar que com base nesse documento, pode-se afirmar que até os finais do século XX, essa residência ainda existia, sendo considerado um patrimônio municipal, mas que não resistiu à ação do tempo e ao descaso.

É notável perceber que mesmo sem ser um historiador de profissão, o senhor Pedro Paulo de Andrade era dono de uma sensatez bastante elevada, ao passo que se pode notar que ao descrever o momento de chegada do dito colonizador, o autor deixa claro sua visão de que não está bem averiguado tudo que ele diz acerca desse momento, o que abre espaço para repensar esse acontecido. Sobre essa mesma narrativa, ainda segundo (BARBOSA, 2003), a cidade teria surgido por iniciativa aventureira desse desbravador.

O que interessa notar é que nada foi dito sobre os que vieram antes dele, seriam essas terras desabitadas e, por conseguinte desprovidas de população? Não haveria nessa localidade algum ocupante anterior a esse momento já consagrado na historiografia local?

Os indícios presentes em sítios arqueológicos espalhados pela cidade atestam a existência de grupos humanos com uma complexidade bastante elevada, não rastreáveis em sua totalidade, mas possível de serem elencadas diversas características de como esses habitantes conseguiam viver em um ambiente diferente do qual possuímos hoje, bem anteriores a esse momento da chamada “colonização branca”, demonstrando que desde o Holoceno, período que compreende do final do Pleistoceno, há aproximadamente 10.000 anos

A.P até o desenvolvimento da civilização em que vivemos, já havia grupos humanos residindo em todo local.

A prova disso é a presença de sítios de pinturas rupestres com figuras identificadas e registradas como pertencentes à Tradição Agreste, e que por sua vez se fazem presentes de forma bastante elevada nos locais onde é possível viver, através do próprio local, como poderia ter sido a existência desses agrupamentos humanos, responsáveis pela elaboração dessas pinturas. Sua complexidade e a maneira como sobreviviam a um ambiente onde as secas não eram um fenômeno tão recente, leva-nos a crer na total eficácia em saber lidar com as intempéries características do local.

Sobre esses sítios, cabe salientar que estão divididos em três locais espalhados pelos arredores da cidade, sofrendo a ação do tempo e do descaso daqueles que deveriam preservar a história local. Mesmo os historiadores da comunidade, que conhecem acerca da existência desses grafismos, preferem não escrever ou não se aventurar na busca desses indícios que atestem uma realidade totalmente diferente daquela escrita outrora pelos chamados pioneiros da história Aroeirense. Para tanto, cabe discutir mais sobre esses locais, detalhá-los em um sentido amplo, para tomá-los como prova incontestável da presença humana anterior a Laurentino de Moura Varejão.

1.2 DESCREVENDO OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E O PALEOAMBIENTE.

Os sítios localizados na zona rural do município de Aroeiras possuem a presença de pinturas associadas à Tradição Agreste. O termo tradição aqui empregado é o mesmo definido por (CALDERON, 1970)², que usa essa alcunha para designar respectivamente o conjunto daquelas características que se encontram em diversos sítios ou regiões, estando associados de maneira bastante similar, sendo cada uma delas ligadas ao complexo cultural dos grupos étnicos diferenciados, que por sua vez as transmitiam e difundiam. Essas mesmas características eram modificadas de forma gradual, por meio do tempo e do espaço. Sobre o termo Tradição Agreste, cabe salientar que a nomenclatura advém primeiramente dos estudos em sítios rupestres na região do Agreste e sertão pernambucano desde os anos 70, daí a denominação da categoria. É acerca dela que iremos nos deter nessa discussão.

² Para melhor esclarecimento do termo usado, procurar: CALDERON, Valentin. **Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia**, Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, n°. 05, janeiro/abril, Salvador, pp. 55-77.

A alcunha foi utilizada respectivamente nos sítios presentes no Piauí, na Bahia, na Paraíba e no Rio Grande do Norte devido à presença de grafismos semelhantes. Sendo considerada posterior a tradição Nordeste, já divulgada em estudos das arqueólogas N.Guidon, G.Martin, AM. Pessis e Alice Aguiar. Essa tradição possui datações que chegam até mais de 3.000 anos B.P. Como características gerais dessa tradição, podemos dizer que possui uma forte presença dos chamados grafismos puros, que são figuras geométricas, simbólicas, ou que aparentemente não possuem significado claro dentro de nossa compreensão de universo cultural, uma vez que aquilo que descrevemos como círculos, traços, linhas bem sinuosas, etc., para o homem pré-histórico poderia conter outros significados, dentro de um contexto diferenciado daquilo que conhecemos até o momento, e que doravante, será impossível compreender com certeza em sua totalidade.

Sobre esses grafismos puros, pode-se afirmar que são, nas palavras (AGUIAR, 1982), aquelas figuras desprovidas de traços que possibilitem identificação, sendo impossível conceber algum tipo de interpretação apenas pela pura e simples análise visual. Do contrário, dentro dessa mesma tradição é possível encontrar os chamados grafismos de composição, que são figuras que permitem uma identificação a partir de uma análise visual. Temos como exemplo, os antropomorfos ou zoomorfos estáticos, presentes nas pinturas da Tradição Agreste.

A análise aqui presente leva em conta um estudo mais técnico do que interpretativo das pinturas presentes na cidade de Aroeiras, uma vez que a tendência recente no que concerne a observação atenta das representações rupestres leva menos em conta a tentativa de achar significados dentro de nossa cultura, e valoriza, por sua vez, os aspectos de ordem técnica, a saber: como esses grafismos foram elaborados, quais os recursos materiais empregados, e quais desses grafismos podem ser considerados valiosos dentro de uma tradição rupestre determinada.

A arqueóloga Gabriela Martin nos alerta para o fato de ser tentador dar uma interpretação aquelas imagens que parecem ser associadas a nosso momento, mas que fogem de uma compreensão mais profunda, segundo a autora:

Nossa tendência natural diante de um painel rupestre é procurar um significado imediato, ou seja, procurar “ler” o que está ali escrito ou o que se pretendeu contar. Por isso é que os painéis de grafismos puros ou abstractos nos resultam tão decepcionantes, pois é natural nossa tendência em segregarmos as “cenas” imediatamente identificáveis. Essa tendência é perigosa e profundamente anti-científica na hora de se reproduzir os painéis, selecionando-se as partes mais visíveis especialmente as mais “bonitas”, de acordo com nosso universo estético. (MARTIN, 1997, p.248).

No momento da primeira visita aos sítios, aqueles que acompanharam a busca, quiseram imediatamente observar os traços que pudessem identificar dentro de nosso contexto, buscando figuras que se assemelhassem a elementos presentes em nossa cultura, mas caindo no erro que fora dito acima, de querer achar uma significação para algo que requer menos esse tipo de trabalho.

Os sítios de pinturas rupestres presentes na cidade de Aroeiras se encaixam como dantes salientado, na chamada Tradição Agreste, por possuírem diversas figuras que se encaixam nesse aspecto pictográfico. Sobre os sítios, primeiramente é preciso falar da Pedra do Letreiro do Riachão de Pedro Velho, encontrada na zona rural do município de Aroeiras-PB, a 16 km de distância da cidade, na localidade conhecida como Riachão de Pedro Velho, bem próximo à barragem de Acauã.

Sobre esse sítio, cabe salientar ser aquele que possui o maior número de figuras encontrado até o momento, se encontra presente as margens do riacho denominado pelos moradores locais de Lage da Onça, em uma região que ainda hoje possibilita à sobrevivência de grupos humanos ribeirinhos, que retiram das margens do rio temporário ali presente, a alimentação para criar seus animais da pecuária local, como a cabra e as vacas, havendo inclusive uma colônia de pescadores. Sobre essa característica, cabe salientar que assim como diz (AGUIAR, 1982), a maior parte dos sítios da Tradição Agreste se encontram as margens de riachos ou rios, o que de certa forma dificulta a escavação do local ao redor. Segundo a arqueóloga, com base nos estudos já conhecidos, as figuras geralmente estavam associadas a locais onde haveria o cemitério da comunidade antiga. **(Figura 1)**

A Pedra do Letreiro do Riachão de Pedro Velho possui cerca de 10 m de altura por 25 m de comprimento, estando cercada pela mata nativa no local. Lá, ainda é possível encontrar a caatinga sem muita interferência do homem, bem como um pouco da fauna típica desse tipo de vegetação. A sua frente se encontra um riacho, que de tempos em tempos circunda com água as proximidades da pedra. O grande rochedo é composto por pedra de xisto, possuindo uma cor bastante alaranjada, característica desse tipo de formação rochosa. Nela podemos encontrar diversos traços da tradição Agreste, como riscos os mais variados, provavelmente feitos com as mãos; tanto em posição vertical quanto horizontal; figuras geométricas em forma de círculos; semicírculos com tamanhos aproximados de 20 a 25 cm de largura, todas elas em cor avermelhada, característica presente graças ao material que fora utilizado nessa confecção, o óxido de ferro provavelmente originário do próprio solo local.



Figura 1. Crédito da imagem: Manoel Gomes de Oliveira Neto. Grafismos puros presentes em várias partes na Pedra do Letreiro.

Sobre esses círculos ou semicírculos, não é possível dizer o que poderiam significar, pois como já salientado, estão associados a uma complexa cultura que até o presente momento foge de nossa compreensão, mas que talvez algum dia possa vir a ser elucidado de maneira mais profunda, cabendo por enquanto à contemplação.

Além desses grafismos puros, estando presentes num número bastante elevado, (entre 20 e 30 figuras aproximadamente), a qual não se sabe a definição exata, existe ainda os grafismos de composição, figuras que embora em um número menor, se destacam em meio ao todo, por serem assemelhadas a figuras conhecidas na nossa cultura e visivelmente perceptíveis. Dentre elas, cabe destacar a figura de um possível sol, esse elemento possuindo em torno de 21 cm de altura por 20 cm de comprimento, se destaca em meio às diversas imagens, além dele, pode-se encontrar uma figura bastante interessante de um antropomorfo, um dos poucos grafismos de composição que podem ser bastante encontrados em sítios associados à Tradição Agreste. Degradada pela ação do tempo e pela falta da preservação necessária ao local, a figura aparece isolada do todo, em um local a parte e se assemelha muito a um totem. Outra imagem interessante é o que parece ser uma espécie de lagarto, estando em um tamanho avaliado entre 35 cm de altura por 20 cm de largura, e que está ainda bastante nítida a tinta presente nessa representação.

Sobre essas figuras, importante salientar que parecem estar em um conjunto, e que muito embora sejam por vezes separadas, como no caso do antropomorfo estão agrupadas em um mesmo rochedo, talvez marca de um tipo de organização desconhecido até então. Esse tipo de pintura aparece na tradição agreste geralmente um pouco isolado das demais, se assemelhando de maneira estética a uma estatueta totêmica, mas que em nada pode ser comparada a um totem no sentido que eles tomam dentro de determinadas culturas já conhecidas e decifradas pelos estudiosos.

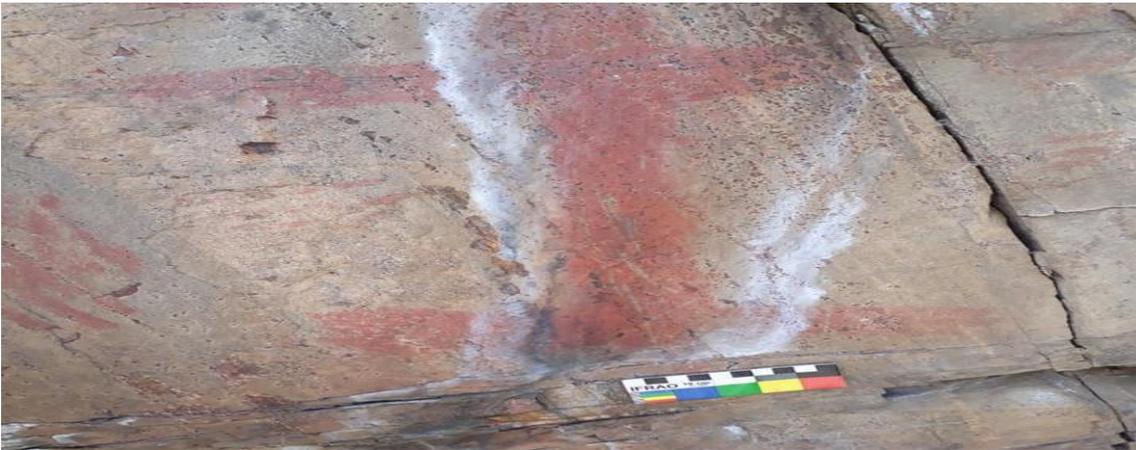


Figura 2. Crédito da imagem: Juvandi de Souza Santos. Antropomorfo presente na Pedra do Letreiro.

O segundo sítio analisado se situa na localidade chamada Uruçu, numa distância de aproximadamente 5 km do centro da cidade. Encontra-se dentro da caatinga, numa região cercada por mata, mais interessante notar, que não há a presença de um riacho ou rio no lugar, o que não significa dizer que não haja nas proximidades. Sobre esse espaço, trata-se de um conjunto de pedras, como que em forma de círculo, não tendo havido escavação até o presente momento, mas é importante frisar que existe apenas um quadro de poucas figuras, e que está se deteriorando pela ação do intemperismo na rocha.

O terceiro e último sítio objeto desse estudo, denominado de Serrote da Torre, se encontra em uma enorme formação rochosa que é visitada constantemente pelos jovens locais, ou mesmo por aquelas pessoas interessadas em ter uma boa visão do pôr do sol, tendo em vista que se localiza no topo de uma montanha feita de pedras, o que proporciona uma boa percepção visual de toda a cidade em seu entorno. O sítio de pintura rupestre dista aproximadamente 6 km ou 7 km do centro da cidade, estando cercada pela floresta, tendo algumas grutas que são usadas por caçadores ou mesmo pessoas que se interessam em estar em contato com a natureza. Nesse lugar, encontra-se apenas uma figura pertencente à tradição agreste, e que se assemelha a um lagarto, porém, é preciso levar em consideração a destruição pela qual passa esse local. **(Figura 3)**

Grupos de jovens aventureiros picham as paredes das rochas, o que encobriu algumas pinturas, além de que, segundo os moradores locais, havia mais imagens que foram removidas junto com as pedras por curiosos em épocas passadas, as quais não se sabem o paradeiro até o devido momento. O ambiente é bastante arejado e cercado por animais que fazem parte da fauna local, mas com rastros da interferência da criação de animais da pecuária, como cabras e bois de corte.



Figura 3. Crédito da imagem: Manoel Gomes de Oliveira Neto.

As formas de sobreviver desses caçadores coletores é um fator que possibilita entender os lugares aos quais essas pinturas foram feitas. Os dados coletados pela arqueóloga Alice Aguiar em suas pesquisas no Agreste de Pernambuco, trouxeram bastante elucidação sobre o modo de sobrevivência desses grupos. Esses, segundo ela, não parecem ter sido agricultores pré-históricos, sendo seu sustento advindo da caça, pesca e coleta de plantas silvestres.

Numa visão tradicionalmente aceita, tem-se que esse agente pré-histórico pintou nas rochas aqueles animais que faziam parte de seu sustento, e que desejavam caçar. Também é aceito que essas representações da fauna faia parte dos seus rituais mágicos para obtenção da caça. É importante ressaltar que essas afirmativas são passíveis de contestação, afinal, no que concerne esses estudos, muito ainda há que ser feito, porém, é indiscutível essa relação da fauna identificada na pintura como um elemento chave para se analisar as fontes alimentares dos paleoíndios.

Aqueles animais que foram representados na pintura da tradição Agreste, correspondem à fauna atual, em que, em nenhum caso tenham-se identificado representações que remetam a megafauna. Foi por meio das escavações arqueológicas que se encontraram ossos de diversas espécies de roedores e aves de pequeno porte como o mocó, a paca, a cutia, codorna, preá, pomba-rola, dentre outros que deveriam fazer parte da alimentação dos agrupamentos. Também não devem ser esquecidas outras fontes alimentícias que não deixam resíduos como os insetos, a exemplo, a formiga tanajura, ainda hoje consumida pelas pessoas.

No que concerne às representações de plantas, é muito raro aparecerem, e no caso dos sítios presentes em Aroeiras, não foi identificado esse tipo de representação. O uso do mel na pré-história, não seria algo espantoso, pois existiam abelhas nativas, conhecidas como abelhas indígenas sem ferrão, ou com ferrão atrofiado, facilitando dessa forma, a coleta do mel, alimento de grande valor.

Dessa forma, se entende que os grupos de paleoíndios que viveram no que hoje é a zona rural da cidade de Aroeiras na Paraíba, não divergiam muito em seu modus vivendi,

caçando e coletando o que fosse possível para sua sobrevivência em meio às hostilidades do ambiente Holocênico, provavelmente entre 3.000 e 2.000 anos A.P.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É importante frisar que quando se pretende conhecer as sociedades indígenas que hoje já desapareceram, é necessário saber se utilizar das diversas fontes que não sejam aquelas escritas, tendo em vista que eles não conheciam esse tipo de comunicação. O período que compreende a pré-história da Paraíba ainda é um assunto em fase embrionária, muito embora haja esforço em desvendar como teriam vivido os povos caçadores e coletores que por essas terras se deslocaram ao longo de milênios. O município de Aroeiras, no antigo Agreste Paraibano é um local que possui uma riqueza arqueológica ainda pouco explorada, sem nenhuma escavação.

No que concerne à análise de seus sítios arqueológicos, esse é o primeiro trabalho que se debruça sobre os mesmos, numa tentativa constante de que novas pesquisas envolvendo a temática venham a se debruçar acerca dos grupos que viveram nas terras semiáridas da localidade. Entender melhor a dinâmica dos paleoíndios é uma tarefa bastante árdua que ainda levará bastante tempo e esforço dos pesquisadores que se interessem pela temática. No concernente ao município em estudo, há ainda o problema da falta de preservação, e da não consciência da população local em sua maioria, para com a descoberta e preservação de seu material arqueológico.

A observação atenta dos indícios que atestam a presença humana por meio das pinturas da Tradição Agreste presentes nos sítios Riachão de Pedro Velho, Torres e Uruçu, revelam que a ocupação humana na região se deu em período distinto do que se convencionou estabelecer como a “gênese” do local. Pouco foi feito no sentido de preencher esses silêncios, que parecem ser propositais na historiografia local, estando sua narrativa repetida diversas vezes em livros e artigos publicados acerca do município.

No entanto, é necessário compreender que essas lacunas são o combustível para que novas pesquisas venham a observar a ocupação humana das terras com outros olhos, analisando as minúcias, bem como os vestígios presentes nos sítios de arte rupestre, é possível remontar um panorama diferente daquele que foi estabelecido, conhecer mais sobre os caçadores coletores que viveram já no período do Holoceno, convivendo com as mais diversas intempéries de uma terra bastante seca em determinadas épocas, mas se adaptando a ela, de forma a garantir a sua sobrevivência.

2.1 FONTES DE PESQUISA

Sítios Arqueológicos Pedra do Letreiro, Pedra do Índio e Serrote da Torre (Primária): O principal objetivo do seguinte trabalho foi se debruçar sobre os sítios arqueológicos: Pedra do letreiro, Pedra do índio e Serrote da torre, localizados respectivamente no Riachão de Pedro Velho, Uruçu e Sítio Torres, no município de Aroeiras-PB. Estas fontes primárias foram observadas segundo sua tradição, subtração, estilos, tendo por base os estudos de pesquisadores como Gabriela Martin (1993) e Juvandi Santos (2015). São documentos materiais que até o momento ainda não haviam sido estudadas enquanto tais, abrindo espaço para diversas pesquisas que possam surgir no âmbito dos estudos das ocupações humanas no nordeste do Brasil.

Obras do autor aroeirense Pedro Paulo de Andrade (Primária): As obras raras *Esboço Geográfico-Histórico do Município de Aroeiras; Aroeiras e Sua Origem, Aroeiras e Sua História*, de autoria do historiador aroeirense Pedro Paulo de Andrade, publicadas pela Editora e Gráfica Santa Fé Ltda, no ano de 1984, servem como base do presente estudo para se analisar a narrativa historiográfica acerca do momento da ocupação do município aroeirense. O autor se debruçou sobre a chegada daquele que, para ele, seria o agente colonizador, abrindo espaço para que outros pesquisadores pudessem averiguar mais a respeito.

Livro Pré-História do Nordeste do Brasil (secundária): A obra *Pré-História do Nordeste do Brasil* da Gabriela Martin, publicado pela editora Universitária da UFPE no ano de 1997, trabalho arguto de mapeamento dos resquícios arqueológicos presentes no nordeste, bem como análise das pinturas rupestres e suas tradições e estilos espalhadas por toda a região, aparece em nosso trabalho como mais uma das fontes para dar base a pesquisa acerca dos sítios arqueológicos presentes no município de Aroeiras-PB.

REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos Cariris Velhos.** João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1979.

ANDRADE. Pedro Paulo de. **Aroeiras Sua Origem.** João Pessosa, A União Cia Editora, 1984.

_____. **Aroeiras Sua História.** Campina Grande, Editora e Gráfica santa Fé Ltda, 1981.

_____. **Esboço Geográfico-Histórico do Município de Aroeiras- PB.** Aroeiras, 1972.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo, Editora da Unesp, 2010.

CAVALCANTI, Alice Aguiar. **A Tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco**. CLIO nº4. Revista do Curso de Mestrado em História UFPE, Recife, 1987.

CAVALCANTI, Alice Aguiar. **Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro**. CLIO nº.05. Revista do Curso de Mestrado em História. UFPE, Recife, 1982.

CAVALCANTI, Alice Aguiar. **Meios de Sobrevivência entre os pintores da Tradição Agreste em Pernambuco**. CLIO nº4. Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, Recife, 1987.

COSTA, José Severino da. **Pedras de Riachos**. A história da nossa história. Campina Grande, Ideia.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

GOMES, Iordan Queiroz. Aroeiras em fios de sua história. In: SOUZA, A. C. de. (Org.). **História dos Municípios Paraibanos**. Campina Grande: EDUFCG, 2012.

LEVI, GIOVANNI. **A herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4. ed. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

_____. **As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque-PE, no contexto da Tradição Agreste**. CLIO nº 18. Revista do Curso de Mestrado em História, UFPE, Recife, 2005.

_____. **Arte Rupestre e Registro Arqueológico no Nordeste do Brasil**. CLIO nº 9. Revista do Curso de Mestrado em História, UFPE, 1993.

PERROTA, Celso. **A paisagem, o homem e as estratégias de sobrevivência no Nordeste brasileiro durante o holoceno recente**. CLIO nº4. Revista do Curso de Mestrado em História, UFPE, 1987.

PESSIS, A.M. **Métodos de interpretação da arte rupestre: análises preliminares por níveis**. CLIO nº6, Série Arqueológica nº1. Recife, UFPE, 1984.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2008.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**. A pré-história do nosso país. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

RODRIGUES, Rosicler Martins. **O homem na pré-história**. São Paulo, Moderna, 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita. **História & Documento e Metodologia de Pesquisa**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Arqueologia: correntes e perspectivas**. João Pessoa: JRC, 2009.

_____. **Estudos da tradição Itacoatiara na Paraíba:** subtradição Ingá? Campina Grande, Cópias & Papéis, 2015.

_____. **Paraíba:** da pré-história ao início da Colonização. Campina Grande, JRC, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história:** micro-história. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. CARDOSO, Ciro Flamarion. **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

AGRADECIMENTOS

Diante de tantas dificuldades que enfrentamos em vida, chegar ao final de um trabalho se torna mais gratificante quando se percebe que, mesmo diante de tantas barreiras, é possível se atingir os objetivos almejados. Não posso deixar de dizer que essas metas jamais seriam possíveis, não fosse o apoio de algumas pessoas, daquelas poucas que acreditam nos sonhos dos outros.

O meu agradecimento se estende primeiramente a Deus, autor de toda a vida, o qual respeito e mantenho afinidade todos os dias. Não poderia esquecer a minha esposa, Ângela Mayara S. M. de Oliveira, que esteve sempre ao meu lado nessa jornada; ao professor Dr. Juvandi de Souza Santos, por ter aceitado ser meu orientador e me estendido à mão no que fosse necessário ao término deste trabalho; a professora Dra. Luíra Freire Monteiro e ao professor Dr. Flávio Carreiro de Santana, que além de serem grandes profissionais, são também amigos que nunca se negaram a me ajudar no que eu precisasse.